

ADVERSO

Nº 186 - fevereiro de 2011

Impresso
Especial

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

...CORREIOS...



ISSN 1980315-X

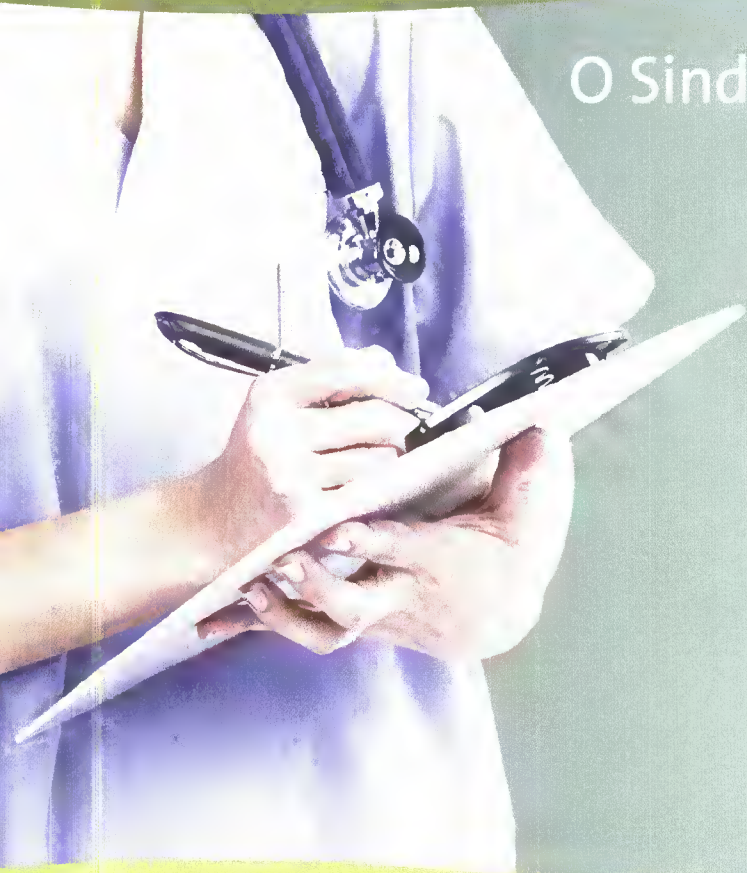


Adufrgs assina contrato com Unimed-Porto Alegre

Com isso, a atual diretoria do Sindicato cumpre seu
primeiro grande desafio: a cobertura médica dos
associados

Páginas 09 a 11

Os associados da **Adufrgs-Sindical** iniciam o semestre letivo com uma ótima notícia:



O Sindicato lança o Plano de Saúde Unimed-Porto Alegre, com uma série de vantagens e condições privilegiadas, entre elas a carência para as adesões efetuadas durante o primeiro mês de vigência do contrato.

Agende-se!

Em breve, a Adufrgs irá divulgar amplamente o início das adesões
Informações pelo telefone: (51) 3228.1188



Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior de Porto Alegre

Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
secretaria@adufrgs.org.br
www.adufrgs.org.br

Presidente - Claudio Scherer
1º Vice-Presidente - José Carlos Freitas Lemos
2º Vice-Presidente - Maria Luiza Ambros von Hollenben
1ª Secretária - Daniela Marzola Fialho
2ª Secretária - Elizabeth de Carvalho Castro
3ª Secretária - Maria Cristina da Silva Martins
1º Tesoureiro - Paulo Artur Kozen Xavier de Mello e Silva
2ª Tesoureira - Maria da Graça Saraiva Marques
3ª Tesoureira - Ana Paula Ravazzolo

ADVERSO

Publicação mensal impressa em
papel Reciclado 90 gramas

Tiragem: 5.000 exemplares
Impressão: Ideograf

Produção e Edição:



ISSN 1980315-X



Edição: Adriana Lampert
Reportagens: Cláudia Rodrigues, Luana Fuentefria,
Marco Aurélio Weissheimer e Michelle Rolante
Projeto Gráfico: Eduardo Furasté
Diagramação: Eduardo Furasté,
Felipe Machado (estagiário)
Ilustração: Mario Guerreiro
Arte Final: Julio CC Lima Jr
Fotos da capa e contracapa: Divulgação Unimed-Poa

Editorial

E o SUS, como é que fica?

Na história do Brasil, é possível dizer que a saúde raramente assumiu um lugar central entre as políticas governamentais. Mesmo diante dos grandes problemas da população, obteve quase sempre papéis secundários no equacionamento político-social de recursos do estado. Dos primeiros séculos de nossa colonização até a chegada da família real, em 1808, nenhum modelo de controle da saúde existiu. Somente então foram criadas instituições como o Colégio Médico de Salvador e a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro.

Durante a República Velha, em 1923, se esboça o marco inicial da previdência social com a criação das caixas de aposentadoria e pensão. Apesar da existência do Ministério da Educação e Saúde Pública desde 1930, uma real pressão por significativos melhoramentos apenas ocorre nos anos 50, quando três novos e importantes fatores da sociedade brasileira se cruzam: o aumento da industrialização, a aceleração da urbanização e o assalariamento da população, que geraram instituições de assistência médica, como IAPI, IAPC e outras.

A partir de 1964, o modelo médico-privatista adotado pelo estado beneficia o setor privado com vultosos recursos públicos e financiamentos subsidiados. Este atende exclusivamente as classes média e alta, criando um subsistema de Atenção Médico Supletiva, no qual se incluem os planos de saúde. Em 1988, a Constituinte cria o Sistema Único de Saúde (SUS), um conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, que veio a ser regulamentado em 1990, podendo a iniciativa privada participar do SUS em caráter complementar. E assim, o Brasil passou a ter um projeto ambicioso, forte, um exemplo social para o mundo.

Infelizmente, a instabilidade institucional e a desarticulação organizacional na esfera decisória federal, paulatinamente, começaram a destruir o SUS. Uma grave crise de financiamento do setor de saúde em 1996 levou à criação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) que deveria vigorar a partir de 1997, por um período de um ano. Os recursos seriam aplicados exclusivamente na área da saúde. Mas o setor econômico do governo decidiu deduzir o valor arrecadado com a CPMF dos recursos do orçamento da União destinados à saúde. O resultado é que a tal contribuição continuou onerando o povo e sendo desviada para outros fins, até 2007.

Enquanto isto, os planos e seguros de saúde foram crescendo e explorando a população até que, em novembro de 1998, o governo sancionou a lei que regulamenta estes serviços e cria um amparo jurídico para os usuários. Se por um lado houve uma limitação nos abusos cometidos pelas empresas, por outro a regulamentação oficializa o universalismo excludente. E mais ainda, com menos de dez anos de existência, já ficou clara a incompetência dos governos de gerir um Sistema de Saúde Unificado para o povo brasileiro. Uma década depois, o governo criou uma contribuição financeira para subsidiar planos de saúde privados do funcionalismo federal. E o SUS, como é que fica?

Agora, a Adufrgs-Sindical anuncia a contratação de um plano de saúde para seus associados - resultado da mesma atuação firme deste Sindicato na contratação da operadora Unimed/Poa pela Ufrgs. Ambas as ações com a perspectiva de garantir tranquilidade e segurança para o associado e seus dependentes. Evidentemente, à custa de uma boa parcela da remuneração do professor, que mensalmente é transferida para a operadora. Sem alternativas, fomos obrigados a ingressar em um sistema que se baseia na economia de mercado, beneficiando somente a parcela da população que tem condições financeiras de arcar com os custos. Mas a pergunta que fica é: e a maioria dos brasileiros que não pode pagar um plano de saúde, como fica?

Diretoria da Adufrgs-Sindical

ÍNDICE

04

ESPECIAL

Grupo Viver Melhor na Melhor idade
troca vivências na Ufrgs
por Cláudia Rodrigues

EDUCAÇÃO

UFCSPA completa 50 anos
por Cláudia Rodrigues

06

08

PROJETOS

Ufrgs sediará Instituto Confúcio para
divulgar a língua e a cultura chinesa
por Michelle Rolante

REPORTAGEM

Adufrgs contrata Unimed-Poa

09

12

ARTIGO

Tecnologia: desvendando a segurança
por Renato Opice Blum, professor da FGV, USP
e Universidade Presbiteriana Mackenzie

VIDA NO CAMPUS

Mata Atlântica inspira conhecimento
científico e social
por Luana Fuentefria

13

16

PING-PONG

Moacir Bertato

"As secas no Estado são um problema
que tem solução"
por Marco Aurélio Weissheimer

OBSERVATÓRIO

19

20

NOTÍCIAS

NAVEGUE

21

22

ORELHA

EM FOCO

Ufrgs promove exposição sobre a
história do bairro Bom Fim
por Michelle Rolante

23

26

+ UM

MARIO GUERREIRO

27

Grupo Viver Melhor na Melhor Idade troca vivências na Ufrgs

Projeto desenvolvido pela Divisão de Serviço Social e pelo Departamento de Atenção à Saúde, vinculados à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, tem adesão de aproximadamente 100 pessoas

por Cláudia Rodrigues



Fotos: Arquivo Pessoal

A assistente social Lisete Pozatti (blusa preta), acompanha o grupo nas ações de confraternização e durante a produção de enxovais para serem doados aos recém-nascidos do Hospital Santa Casa (foto abaixo)

“A Ufrgs passa nas nossas veias”. A frase é do técnico aposentado João Flávio de Freitas Rodrigues. Integrante do Grupo Viver Melhor na Melhor Idade, ele é frequentador assíduo das reuniões de quintas-feiras entre servidores aposentados e pensionistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Encontros, cursos, viagens, debates, aulas, churrascos, passeios, bailes, troca de conhecimento e o forte vínculo com a Universidade mantêm o grupo ativo há dez anos.

Em março próximo, a turma inicia suas atividades em uma sala própria, no Anexo I da Reitoria, com móveis novos e especiais para a demanda de ações dos participantes. Na pauta já estão questões importantes a serem votadas, como o local a ser escolhido para a viagem que marca o 11º Encontro do Grupo. Salvador, na Bahia, é uma das possibilidades. Em 2010, o evento foi realizado em Termas de Piratuba, em Santa Catarina, de 21 a 28 de novembro.

Quem coordena a trupe é Serenita Oliveira de Fraga, telefonista da Ufrgs por 32 anos, a maior parte deles no Instituto de Pesquisas Hidráulicas. Com duas filhas casadas e sem netos, Serenita quase não tem tempo de sobra, tamanho o envolvimento com todo o pessoal.

“Ano passado, com a questão da nossa mudança de sala, acabamos atrasando a entrega do enxoval dos bebês da Santa Casa. Esse ano teremos muito o que fazer”, avisa ela.

Ações como esta dão sentido à vida de cerca de 100 pessoas que passaram anos de suas vidas dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Uma parte deste precioso grupo reúne-se para fazer artesanato e produzir peças para doar a quem necessita - como os recém-nascidos do Hospital Santa Casa. Em comum acordo, eles conservam uma caixinha para arcar com despesas de última hora, como compra de linhas, agulhas, tortas e bebidas para comemorar o aniversário de algum colega.

“Muitos deles ainda vão para as reuniões de quinta-feira com seus crachás”, comenta Lisete Pozatti, assistente social que acompanha o grupo desde 2008, por meio da Divisão de Serviço Social e do Departamento de Atenção à Saúde, vinculados à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progesp). Com o tempo, Lisete captou a intensidade da relação entre cada um deles e a Universidade. Com isso, desenvolveu dois projetos que fizeram e fazem muito sucesso entre os integrantes.



Aprender Lá em Casa é o nome da dinâmica que ela propôs ao grupo. A cada encontro, os participantes tornam-se responsáveis por prepararem o assunto, com informações sobre algum tema que eles conheceram nas suas histórias pessoais. Segundo a assistente social, destes encontros surgiram dicas e “uma troca de aprendizado formidável, que também serviu para que todos pudessem ver que não há uma só verdade.”

O objetivo é incentivar o intercâmbio de saberes diferenciados, uma vez que todos estão passando por etapas de transformação, em que são úteis as alternativas viáveis para viver bem, mesmo cada um tendo suas dores, doenças, solidão, sentimentos e sensações sobre o que é ser “inativo”. Também são tratados temas como necessidades e estratégias cotidianas, como o uso de óculos e dentaduras, por exemplo, e variáveis possíveis para lidar com esses aspectos da vida diária, sem prejuízos à saúde ou a necessidade de deixar de comer determinados alimentos. “Torna-se divertido e muito profundo para todos e também para o crescimento do próprio grupo”, avalia Lisete.

Nos encontros, ainda é muito debatido o vínculo com a Universidade, que faz parte do dia a dia deste pessoal, pois a maioria passou mais de 30 anos dentro da Ufrgs. “A relação de trabalho e o mercado mudaram. A Ufrgs se desenvolveu, o mundo não parou de girar”, conforme Lisete empenha-se em mostrar para todos. Ela logo percebeu que havia um vácuo entre o passado e o presente, na medida em que os relatos dos participantes misturavam o que a Ufrgs significava com o novo momento de vida e as crenças limitantes de cada um deles em relação ao tempo livre que passaram a ter.

“Esse grupo tão heterogêneo, com pessoas de menos de 60 até 85 anos, de várias áreas da Ufrgs, de aposentados e pensionistas, tem em comum o vínculo e o compromisso com a Universidade. É algo que emociona, é bárbaro, é incrível”, confessa Lisete. Para estabelecer uma maneira melhor de elaborar o passado e o presente, ela criou com a turma o Projeto Retrovisor. De livre adesão, os integrantes foram convidados a falarem sobre suas trajetórias na Ufrgs para resgatarem o passado e construir o futuro, podendo definir com clareza seus espaços atuais dentro da Universidade.

Encaixa perfeitamente a declaração de João Flávio, que frequenta o grupo há cinco anos: de férias, e debulhando um cacho de butiá, ele brinca que há um termo para definir a paixão que eles sentem pela Instituição – “somos ufrgsianos”. Atualmente, se ele falta a um encontro do Grupo Viver Melhor na Melhor Idade, sente muita falta, pois é algo que preenche e já faz parte da sua nova rotina de vida. ☺



Servidores aposentados e pensionistas do grupo Viver Melhor na Melhor Idade costumam comemorar aniversários em companhia dos colegas ...



... e, juntos, reúnem-se para realizar doações e visitar necessitados



Informações sobre o Grupo Viver Melhor
na Melhor Idade podem ser obtidas
pelo telefone: 51- 3321.3356

UFCSPA completa 50 anos

Universidade comemora aniversário somando conquistas recentes e lança dois novos cursos de graduação

por Cláudia Rodrigues

Fruto de uma transformação. Talvez essa seja a melhor maneira de descrever o momento pelo qual passa a quinquagenária Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Curiosamente, com este nome, a Universidade tem apenas três anos. Três anos de importantes conquistas, como a inauguração de um curso inédito no País.

Em atividade desde março de 1961, a UFCSPA foi inaugurada como Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre. Federalizada em 1980, passou a ter o título de Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA) até janeiro de 2008, quando tornou-se universidade. Para celebrar essa trajetória, a reitoria programou uma série de atividades para a segunda quinzena de março de 2011.

Entre as atrações, vale destacar a cerimônia da urna do tempo. Documentos importantes que retratam a história da UFCSPA serão colocados dentro de uma urna que será enterrada e só poderá ser aberta daqui a 50 anos. Além disso, haverá exposição do artista plástico Paulo Aguiñsky, produção de um selo especial via Correios, jantar comemorativo e entrega de prêmios acadêmicos e medalhas de mérito institucional e por serviços prestados para servidores e técnicos.

Dentro das comemorações está também a palestra de abertura do ano letivo com um convidado especial: o médico, pensador e ex-reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Naomar Monteiro de Almeida Filho. Incentivador da Universidade Nova, ele defende a diminuição da especialização precoce. Atenta às mudanças mundiais, a reitora Miriam da Costa Oliveira

considera essencial respeitar a vocação da UFCSPA, a da especialização, que oferece cerca de 50 programas e áreas de atuação de residência médica, mas não deixa de lado a outra face da questão. “Em contrapartida, todos os nossos cursos possuem forte inserção no Sistema Único de Saúde (SUS)”, ressalta a reitora.



Exemplo de excelência em educação, a UFCSPA tem respeitáveis indicadores de qualidade de ensino no MEC

Fotos: Arquivo / UFCSPA

Outro diferencial a ser exaltado é o fato de que na UFCSPA os professores-pesquisadores necessariamente dão aulas nos cursos da graduação. Isso possibilita uma troca de conhecimento, que, segundo a reitora, “é extraordinária e muito enriquecedora para alunos e mestres.” Para comprovar, basta ver o número de artigos publicados em periódicos com indexação internacional produzidos em 2009. Foram 160, para um total de 201 professores na Universidade, entre pesquisadores e não pesquisadores. A própria reitora entra no esquema: nas terças-feiras pela manhã ela acompanha residentes no Hospital da Santa Casa na sua área de formação acadêmica, a Endocrinologia.

Curso inédito no País

Aos 50 anos, a UFCSPA lança dois novos cursos de graduação, somando dez no total. Inédito no Brasil, o curso de Toxicologia Aplicada terá sua primeira turma em março deste ano. Já o de Gastronomia ostenta a graça de ser o primeiro em caráter público na região. “Não queremos apenas repetir cursos. Também caminhamos em direção à inclusão social”, explica a reitora. É justamente baseado nesse princípio que a Universidade mantém quatro cursos noturnos. Em pós-graduação, são sete *stricto sensu* e 11 *lato sensu*.

Pioneiro na região sul brasileira, o curso de pós-graduação de Ciências da Reabilitação englobará as áreas de fisioterapia, enfermagem, fonoaudiologia e psicologia. Exemplo de excelência em educação, a quinquagenária Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) tem respeitáveis indicadores de avaliação de qualidade de ensino do Ministério da Educação (MEC). São altamente satisfatórios os resultados obtidos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e no Índice Geral de Cursos (IGC).

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou em janeiro deste ano o mais recente Índice Geral de Cursos. Nesta edição, a UFCSPA foi classificada como a sétima melhor universidade do País, com 405 pontos. A Instituição obteve nota 5 - a melhor avaliação passível de ser registrada no ranking. Apenas 25 universidades em todo o Brasil obtiveram este conceito, conforme informa o site da UFCSPA.

Por conta de tudo isso é que a reitora Miriam declara que o momento é muito interessante e especial para a Universidade, que completa 50 anos no dia 22 de março de 2011. “A direção estratégica vem sendo cumprida para ganho da UFCSPA e a comunidade observa com cuidado e satisfação nosso avanço.”



Miriam da Costa Oliveira é reitora da UFCSPA

Ufrgs sediará Instituto Confúcio para divulgar a língua e a cultura chinesa na Região Sul do Brasil

por Michelle Rolante

O Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) está autorizado a instalar o primeiro Instituto Confúcio de cultura chinesa da Região Sul e o quarto no Brasil. Os outros três institutos estão instalados na Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade de Brasília (UNB) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio).

De acordo com Liane Hentschke, secretária de Relações Internacionais da Ufrgs, em visita realizada no ano de 2009 à Universidade de Comunicação da China (UCC), foram feitas as primeiras tratativas para aumentar o envio de alunos brasileiros à China e vice-versa. "Na ocasião, comentei que nós estaríamos interessados em sediar um Instituto Confúcio aqui no Estado. Então, me prontifiquei para dar andamento nas tratativas em nível de Brasil", lembra Liane, contando que na sequência foi visitar a Embaixada da China.

A secretária de Relações Internacionais recebeu o apoio do Conselheiro Shu Jianping que considerava a proposta de instalar um Instituto Confúcio na Ufrgs estratégica, devido à sua localização. "O prédio do Instituto de Letras está sendo reformado para sediar o Instituto Confúcio, conhecido também como diplomacia branca, e até agosto pretendemos iniciar algumas atividades", destaca Liane.

Segundo ela, durante uma missão enviada pela Ufrgs à Ásia, em outubro do ano passado, foram visitadas algumas instituições na região. Dentre elas, o Instituto Hanban, que é uma instituição chinesa que cria e mantém os Institutos Confúcios que divulgam a língua e a cultura chinesa em todos os continentes.

O reitor Carlos Alexandre Netto também esteve presente nessa visita para apresentar a proposta da Ufrgs em uma reunião com o Instituto Hanban, ligado ao Ministério de Educação da China. "Nós levamos nosso pleito de ter um Instituto Confúcio aqui na Ufrgs, que foi aceito, e argumentamos mostrando a qualidade acadêmica da Universidade que está entre as melhores do Brasil", conta o reitor, destacando o fato de o Estado ter uma posição central no Mercosul.

Segundo Netto, é muito importante que a Universidade disponibilize esse centro de difusão de língua e cultura chinesa porque isso coloca a Instituição em uma posição de vanguarda no relacionamento com a China. "Nós ficamos muito felizes de ter essa demanda aceita e principalmente por ser o primeiro Instituto Confúcio da Região Sul", comemora o reitor. Para ele, a

iniciativa será muito importante para a internacionalização da Universidade, pois vai gerar uma qualificação ainda maior.

"O Instituto de Letras está plenamente inserido no projeto de internacionalização da administração central", diz a diretora, Jane Tutikian. "Nós abrimos as portas do Instituto de Letras para receber o Instituto Confúcio. Em um primeiro momento, será disponibilizada uma sala para administração e toda a infraestrutura necessária", destaca.

Além disso, há um projeto de construir mais três andares no prédio administrativo do Instituto de Letras e em um desses andares será feita uma ala internacional onde será abrigado o Instituto Confúcio. "Recebemos a professora Fang, que dará aula de mandarim e cultura chinesa", salienta a diretora do Instituto de Letras, ressaltando que há uma demanda muito grande de mandarim, não só no meio universitário, mas também em outras áreas.

Os recursos para o projeto serão oriundos da Instituição Hanban, e a Ufrgs entra com a parte logística, com espaço físico e professores, conforme Liane Hentschke. Ela diz que alguns projetos culturais também serão submetidos a órgãos brasileiros ou iniciativa privada. "Por isso, é importante conjugar algumas ações com os outros Institutos Confúcios existentes no Brasil para promover atividades culturais de grande porte, por exemplo, como trazer a Ópera de Pequim para o Brasil, que envolve um grande investimento."

A secretária de Relações Internacionais considera importante a troca de experiências com os outros institutos Confúcios instalados nas outras universidades. "A professora Jane Tutikian, responsável pela instalação do instituto, visitou a Unesp para conhecer o Instituto Confúcio de lá - e pretendemos utilizar as boas práticas, mas é claro que teremos que buscar a nossa identidade", enfatiza Liane.



Liane diz que, até agosto, a Universidade pretende iniciar algumas atividades vinculadas ao novo Instituto

Adufrgs contrata Unimed-Porto Alegre

Sindicato assina acordo em março com a operadora, garantindo opção de plano de saúde para seus associados

Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA) e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IF-RS) já podem comemorar. Todos possuem plano de saúde da Unimed-Porto Alegre. A conquista representa o cumprimento do primeiro grande desafio da atual diretoria da Adufrgs-Sindical: a cobertura médica de seus associados.

Por votação, os servidores da Ufrgs manifestaram o interesse pelo contrato com operadoras de plano de assistência à saúde, enquanto que os servidores da UFCSA optaram por convênio com operadoras de plano de assistência à saúde organizadas na modalidade de autogestão. Os servidores do IF-RS, entidade recentemente criada, ainda não tiveram a oportunidade de se manifestar a respeito. Como os professores da UFCSA e do IF-RS não teriam direito ao plano que viesse a ser assinado pela Ufrgs, o assunto foi encaminhado para uma Assembleia Geral, em 2009. De acordo com Maria Luiza A. von Holleben, professora da Ufrgs e 2ª vice-presidente da Adufrgs, “na ocasião foi estipulado que o Sindicato deveria tomar as providências necessárias para atender estes associados.” E assim foi feito.

Com o objetivo de evitar qualquer interferência nas negociações entre a Universidade e as operadoras, a diretoria da Adufrgs aguardou a finalização do longo processo que culminou na contratação da Unimed-Porto Alegre para os servidores da Ufrgs. Após este processo, o Sindicato retomou a negociação para contratar plano de saúde que atenda aos associados não cobertos pelo Plano Ufrgs-Unimed. Depois de pesquisar as ofertas de diversas operadoras de saúde, a Adufrgs optou pela mesma que cobre os servidores da Ufrgs, a Unimed-Porto Alegre, com a qual engendrou negociações que culminaram em dois contratos que deverão ser assinados no início do mês de março.

“A Adufrgs-Sindical está oferecendo um plano de saúde de grande abrangência nas escolhas dos médicos,

laboratórios, entre outros - e como o plano envolve um grupo de associados integrantes da nossa universidade e do IF-RS, a grande vantagem são os custos, que serão menores do que um plano individual”, avalia Elisabeth Castro, diretora do Sindicato e professora da UFCSA. Ela destaca que, ao longo desses quase dois anos, os associados da UFCSA acompanharam o processo da renovação do contrato com a Ufrgs, sempre na expectativa que a Adufrgs oferecesse um convênio nos mesmos moldes, sendo este um dos grandes motivos para estarem vinculados à Entidade.

“Acredito que o principal benefício para os docentes será ter a oportunidade da escolha de um plano de saúde que ofereça uma ampla rede de atendimentos, possibilitando optar pelos profissionais e locais de atendimento”, completa Elisabeth.

Segundo Paulo Artur de Mello e Silva, também diretor da Adufrgs-Sindical, e professor do IF-RS, a contratação deste plano é fundamental para a tranquilidade dos professores do Instituto. “Estamos expandindo, com muitas contratações de docentes. Estes novos professores ansiavam por uma cobertura de saúde ampla e de qualidade”, avalia. Ele explica que como anteriormente o Instituto pertencia à antiga Escola Técnica da Ufrgs, os professores mais antigos eram usuários do Plano Ufrgs-Unimed e puderam migrar para o novo plano, assinado em 2010. “Por isso, principalmente para os professores contratados diretamente para o IF-RS, a possibilidade de participar de um plano de saúde coletivo, mais vantajoso financeiramente que planos individuais, é uma grande oportunidade criada pelo nosso Sindicato.”

Trajetória de luta

Até junho de 1998, quando foi criada a Lei nº 9.656/98 que regulamenta os planos de saúde e os seguros privados de assistência à saúde, os abusos praticados pelas operadoras de planos ou seguros privados de assistência à saúde eram comuns, uma vez



Diretoria da Adufrgs-Sindical comemora conquista de cobertura médica para os associados

Arquivo/Adverso

que o usuário não tinha respaldo jurídico específico para a sua defesa. Como consequência imediata desta lei, houve uma divisão entre os contratos novos já celebrados em conformidade com a mesma e os contratos antigos, não regulamentados - como o Plano de Saúde Suplementar Unimed-Porto Alegre/Ufrgs, criado em junho de 1991.

Dez anos depois, o Encontro Nacional de Saúde Suplementar, realizado pela Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (SRH/MPOG) buscou demarcar e ampliar o debate sobre a saúde suplementar como parte integrante da Política Nacional de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal, criando portarias normativas para estabelecer regras mais claras sobre o tema. Embora a legislação estabelecesse o Sistema Único de Saúde (SUS) como primeira opção de assistência à saúde, a crescente crise neste setor levou a maioria dos órgãos públicos federais optar pelo benefício financeiro instituído pela Portaria nº 3-SRH/MPOG de 30 de julho de 2009, para custeio parcial de planos de saúde com operadoras de autogestão por meio de convênios - como foi a escolha dos servidores da UFCSPA -, ou com a iniciativa privada através de contratos - como fizeram os servidores da Ufrgs.


"A diretoria da Adufrgs-Sindical, durante dois longos anos, teve um papel fundamental na defesa dos interesses dos professores da Ufrgs, tanto na Comissão de Usuários do antigo plano, cuja presidência foi exercida pelo professor Lucio Hagemann, como na Comissão de Licitação, com a participação do professor Paulo Mors", ressalta a 2ª vice-presidente da Entidade.

Ela recorda que foram meses de impasses e negociações para contratar o plano de saúde para os servidores da Universidade, até que o processo licitatório teve fim no dia 13 de abril de 2010. Em julho do mesmo ano, a Unimed-Porto Alegre estava à disposição dos servidores. "Tomando o contrato Ufrgs-Unimed como parâmetro de condições e valores, o Sindicato retomou a negociação para definir um plano de saúde que atendesse aos associados não beneficiados - os professores da UFCSPA e os do IF-RS -, bem como aqueles da Ufrgs que dele desejarem participar", explica Maria Luíza.

Integrante de uma comissão de saúde - constituída também pelos professores Claudio Scherer, Lucio Hagemann, Paulo Mors, Paulo Artur de Mello e Silva (IR-

RS) e Elizabeth de Carvalho Castro (UFCSPA), sob a presidência do Professor Eduardo Rolim de Oliveira - Maria Luíza lembra que o grupo trabalhou arduamente para a consolidação da meta. A comissão pesquisou as ofertas de várias operadoras e seguradoras de saúde e optou pela Unimed-Porto Alegre.

A partir daí, a Adufrgs-Sindical realizou negociações que culminaram no oferecimento do Plano Unimax Coletivo Global Nacional nas modalidades Semiprivativo e Privativo. Para cada modalidade há um contrato - cujas assinaturas devem ocorrer em março. Os usuários terão atendimento em todo o País.

O titular do plano terá direito a uma contrapartida financeira do governo - como ocorre com os usuários do Plano Ufrgs/Unimed-Porto Alegre - em função de sua idade, de seu salário e do número de dependentes. "Esse valor será depositado em seu contracheque, mediante comprovante do pagamento efetuado. A adesão é exclusiva para associados da Entidade, seja professor ativo, aposentado ou pensionista", destaca Maria Luíza. 

A Adufrgs-Sindical pede especial atenção aos seguintes pontos:

:: As vantagens e condições alcançadas pela comissão de saúde da Adufrgs-Sindical estão na dependência de formação de um grupo de no mínimo 50 usuários para cada uma das modalidades oferecidas. Este motivo, aliado à isenção de carência para as adesões efetuadas durante o primeiro mês de vigência do contrato, levou a diretoria a escolher o início do semestre letivo para o lançamento do Plano, embora a negociação já estivesse concluída em dezembro de 2010.

:: Na hora da adesão, é condição essencial que o associado opte pelo débito em conta bancária em nome da Adufrgs-Sindical. Casos de inadimplência estarão sujeitos à suspensão do vínculo. Esta norma foi definida porque nos contratos celebrados com sindicatos e associações, a forma de pagamento da contraprestação econômica é preestabelecida, tendo em vista que o contratante, neste caso a Adufrgs-Sindical, efetua o pagamento das mensalidades à contratada (Unimed-Porto Alegre) antes e independentemente da utilização das coberturas contratadas. Isso significa que a Entidade efetua o pagamento e depois é ressarcida pelo associado.

:: Planos de saúde são contratos fechados onde prevalece a solidariedade mútua. Pela lógica de mercado, havendo déficit em um período, este é repassado em aumento na mensalidade do período seguinte. Por isso, é imprescindível um uso consciente do mesmo para o bem de todos os usuários.

Plano Adufrgs-Sindical/Unimed-Porto Alegre

Características

- Abrangência nacional
- Plano regulamentado pela ANS
- Consultas, exames e internações hospitalares
- Atendimento em consultório do médico cooperado com livre escolha
- Atendimentos com cobertura ambulatorial e hospitalar
- Opção de acomodação hospitalar em quarto privativo / semiprivativo
- Modalidade com co-participação em consultas, exames simples, fisioterapia, acupuntura, foniatria e psiquiatria
- Inclui Benefício Família (BF) – remissão por cinco anos na morte do titular
- Inclui transporte aeromédico no Brasil
- Serão usuários titulares os associados da Adufrgs-Sindical (inclusões somente com comprovação de vínculo empregatício)
- Serão usuários dependentes as pessoas inscritas pelo Sindicato, como dependentes econômicos de seus usuários titulares, no momento da inclusão destes de acordo com a seguinte relação:
 - esposa(o), companheira(o) mantida (o) a mais de cinco (5) anos, ou com reconhecimento judicial, filhos(as) solteiros(as) menores de 21 anos e os inválidos (as), equiparando-se o adotado, o enteado, o menor cuja guarda seja designada por determinação judicial e o menor tutelado
 - os(as) filhos(as) estudantes, solteiros (as), até 24 anos, desde que não tenham nenhuma renda própria (todas as inclusões somente com comprovação de dependência)

Valores do plano Adufrgs-Sindical/Unimed-Porto Alegre Unimed-Unimax - Coletivo Global Nacional

Semiprivativo

Faixa Etária	Valor Final
01 a 18 anos	R\$ 98,63
19 a 23 anos	R\$ 134,34
24 a 28 anos	R\$ 160,82
29 a 33 anos	R\$ 183,57
34 a 38 anos	R\$ 190,95
39 a 43 anos	R\$ 194,49
44 a 48 anos	R\$ 241,65
49 a 53 anos	R\$ 277,79
54 a 58 anos	R\$ 382,35
59 anos ou +	R\$ 591,69

Privativo

Faixa Etária	Valor Final
01 a 18 anos	R\$ 120,32
19 a 23 anos	R\$ 163,91
24 a 28 anos	R\$ 196,20
29 a 33 anos	R\$ 223,95
34 a 38 anos	R\$ 232,96
39 a 43 anos	R\$ 237,28
44 a 48 anos	R\$ 294,80
49 a 53 anos	R\$ 338,90
54 a 58 anos	R\$ 466,47
59 anos ou +	R\$ 721,86

Coberturas do Plano Adufrgs-Sindical/Unimed-Porto Alegre

- Ambulatorial e hospitalar
- Consultas e exames
- Transplantes de rins e córneas
- Cirurgias cardíacas, vasculares e hemodinâmicas
- Órteses e próteses
- Eventos obstétricos

Valores de participação da União no custeio da assistência à saúde suplementar - portaria conjunta SRH/SOF/MP N° 1, de 29/12/2009

Remuneração (R\$)	Valores per capita (R\$)
0 – 1.499,00	106,00 – 129,00
1.500,00 – 1.999,00	101,00 – 123,00
2.000,00 – 2.499,00	96,00 – 117,00
2.500,00 – 2.999,00	92,00 – 111,00
3.000,00 – 3.999,00	87,00 – 106,00
4.000,00 – 5.499,00	79,00 – 86,00
5.500,00 – 7.499,00	76,00 – 82,00
7.500,00 ou mais	72,00 – 78,00

Rede credenciada pela Unimed-Porto Alegre Hospitais em Porto Alegre

- Hospital Moinhos de Vento
- Hospital Mãe de Deus
- Hospital Ernesto Dornelles
- Hospital Divina Providência
- Hospital São Lucas PUC
- Hospital de Clínicas de Porto Alegre
- Complexo Hospitalar Santa Casa
- Hospital Banco de Olhos
- Instituto de Cardiologia
- Clínica São José

(além de toda a rede credenciada de hospitais da Unimed no País)

Tecnologia

desvendando a segurança

Por **Renato Opice Blum**, advogado e economista; coordenador do curso de MBA em Direito Eletrônico da Escola Paulista de Direito; professor da Fundação Getúlio Vargas, da USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Tecnologia. Uma palavra de dez letras e com muito mais de dez motivos para ser um dos termos mais impactantes da atualidade. Com incontáveis significados, desde "a moda do momento" para os fãs de novidades, até "paixão mundial" para os heavy-users, o que tecnologia significa para você?

Para aqueles cujo habitat natural é o cyber espaço, tecnologia representa, simplesmente, um estilo de vida. Está cada vez mais comum e natural nos depararmos com pessoas, de todos os lugares do mundo, que não saem de casa sem seus celulares (e se esquecerem, elas voltam para pegá-los, não importa em que parte do caminho já estejam), que trocaram os notebooks por tablets e que não carregam mais livros, deixando-se seduzir pelos e-books.

São essas as mesmas pessoas que aposentaram seus aparelhos de DVD e esperam ansiosas pela propagação do 3D, enquanto se contentam com os já popularizados blue-rays, que não conhecem uma realidade sem o 3G e que só admitem e-mails se forem corporativos, porque a comunicação simultânea é indispensável no dia a dia e o Blaving veio para ficar!

Consequentemente, passar cerca de 1/3 do dia conectado à internet é praticamente inevitável, o que faz desse acesso um motivo de prazer e, em muitos casos, a causa de grandes preocupações.

O ano de 2011 tem pouco mais de um mês e os cidadãos, ou mesmo "cyberaholics", já estão ávidos por novas informações deste boom tecnológico, que é, ao mesmo tempo, benéfico e perigoso.

As precauções a serem tomadas ao acessarmos um website, ao praticarmos o e-commerce, ao interagir nas

notórias redes sociais, ou mesmo ao enviarmos um torpedo SMS, muitas vezes são esquecidas e quando adotadas, podem ser facilmente neutralizadas pelas ações, cada vez mais sofisticadas, daqueles que se valem desse fenômeno digital para exercer irregularidades ou mesmo ilicitudes.

Assim, tecnologia, para nós operadores do Direito Eletrônico, tornou-se a defesa de uma causa - causa essa que objetiva viabilizar, com a devida segurança, a rotina de milhões de "weblovers" que se viciaram neste prisma de possibilidades ilimitadas.

Caros leitores, o futuro já chegou, razão pela qual entender que a internet deixou de ser somente um lazer e passou a ser também pauta de encontros e reuniões de negócios, cenário de conflitos estatais, promessas políticas e até mesmo objeto de demandas judiciais em todo o globo - é condição sine qua non para fazer de tal prática um hábito realmente lucrativo.

Diligência, portanto, passou a ser uma obrigatoriedade durante o uso, especialmente se considerarmos o fato de que crimes estão sendo mais praticados pelas vias tecnológicas do que no mundo fenomênico e crackers são os novos vilões da população.

Não se permita prejudicar. Uma vez on-line, não conceder senhas, não divulgar imagens ou dados sensíveis, utilizar bons softwares e anti-vírus, são essenciais. Faça da privacidade uma aliada que não deve, de nenhuma forma, ser violada, mesmo porque trata-se de uma garantia constitucional.

O principal, porém, é ter a consciência de que não devemos nos esquivar do uso, mas não podemos, igualmente, nos deixar tornar uma vítima dele.



Saída de campo da disciplina Agricultura e Sustentabilidade, do Curso à Distância, em Montenegro (RS)

Fotos: Arquivo/Desma

Mata Atlântica inspira conhecimento científico e social

Por Luana Fuentefria

O Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável da Mata Atlântica (Desma) reúne esforços de diferentes áreas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) para um objetivo comum: a produção científica aliada ao impacto na sociedade. São pesquisadores e bolsistas de diferentes institutos da Universidade que trabalham, desde 2005, em diálogo com populações tradicionais para gerar renda sustentável na região.

O Desma realiza diversos projetos, que tiveram o passo inicial em Maquiné (RS), com o projeto Samambaia Preta, em período anterior a 2005, quando a formação do grupo não era oficial. A este se somaram outros, que contam com a participação de professores e alunos de diversas áreas de atuação, entre elas Biologia, Economia e Antropologia. Os professores Cleyton Gerhardt, Cristina Baldalf, Gabriela Coelho-de-Souza, Jalcione de Almeida, Lovois de Andrade Miguel, Mara Ritter, Mariana Ramos, Ricardo Pereira Mello, Rodrigo Favreto e Rumi Regina Kubo, e um grupo de 14 estudantes de pós-graduação realizam juntos os trabalhos.

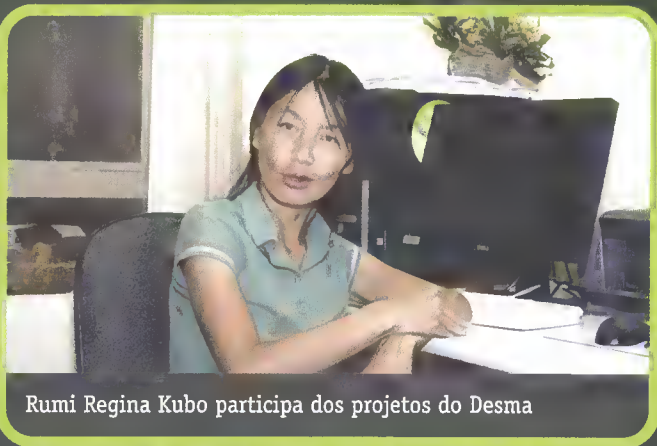
“A experiência adquirida com os estudos da samambaia preta nos mostrou que a Universidade não pode somente gerar pesquisas, mas também deve se articular no mundo institucional”, destaca a professora da faculdade de Ciências Econômicas, Gabriela Coelho-de-Souza. Ela explica que todos os programas procuram envolver a população local de forma a realizar um estudo mais horizontal. Desta forma, guaranis e quilombolas participam da produção do conhecimento desenvolvido durante as pesquisas.

A interação com estas comunidades auxilia no objetivo científico, que é criar uma fonte de renda sustentável para a população e para o ambiente natural, por meio da compreensão da cadeia produtiva de determinado produto e do manejo dos recursos. E os resultados têm sido satisfatórios tanto para a academia, quanto para as comunidades envolvidas.



Grupo entrevista dona Margarida, agricultora da área remanescente de quilombo de Morro Alto, em uma saída de campo da disciplina Introdução à Etnobotânica, da pós-graduação em Botânica

Suzana Pires



Rumi Regina Kubo participa dos projetos do Desma

Além da publicação dos estudos, o grupo conseguiu engajar na academia alguns membros destas comunidades, como dois indígenas que participam do projeto de resgate da cultura do milho, e que recebem bolsa do CNPq para a realização do trabalho. “Eles passam a ser não somente objetos de pesquisa, mas também agentes”, destaca a professora da faculdade de Ciências Econômicas, Rumi Regina Kubo.

Ela observa que, com isso, a participação da comunidade acadêmica nos projetos torna-se maior e mais produtiva. O grupo do Desma, que convive com as populações para realizar as pesquisas, tem a oportunidade de interferir diretamente no universo de estudo. “Os alunos que participam têm como característica o querer ser acadêmico e ao mesmo tempo estarem envolvidos com uma atividade mais completa de retorno à comunidade”, explica Rumi.

Os acadêmicos também têm o privilégio de trabalhar em um ambiente multidisciplinar. As professoras Gabriela e Rumi, por exemplo, colocam sua formação em prática em diferentes áreas do Projeto. Ambas são biólogas e mestres em etinobotânica. Gabriela é doutora em Economia e Rumi, em Antropologia.

Gabriela reforça que o estudo do desenvolvimento rural por si só é um trabalho multidisciplinar: “Precisamos pensar na necessidade de ter a floresta, ao mesmo tempo em que estudamos como continuar com alternativas de renda”, explica. O convívio de diferentes disciplinas e opiniões, na visão de Rumi, por vezes ocasiona momentos tensos, porém mais construtivos e desafiadores. Ela observa que a multidisciplinaridade é importante para a produção de conhecimento e a busca por metodologias adequadas, e o Desma é o grupo dentro da Ufrgs que carrega essa bandeira. “Temos um papel de destaque na construção de uma nova forma de fazer, e considero uma contribuição que estamos dando à Universidade e ao conhecimento em geral”, avalia.

Com alguns projetos em fase de encerramento e outros ainda no princípio, os maiores desafios para o futuro do

Desma são, na opinião de Rumi, acadêmicos. O trabalho multidisciplinar e de intervenção, não muito comum na pesquisa científica, terá de ser ainda transformado em conhecimento acadêmico, para o estabelecimento de um diálogo com outros pesquisadores que atuam de forma semelhante.

Por enquanto, o grupo participa de fóruns sobre o tema e é membro do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, representando uma visão acadêmica no diálogo com as populações tradicionais e com os órgãos governamentais. “Esse diálogo do saber acadêmico com o tradicional se estabelecendo na prática com um retorno concreto é uma das coisas mais instigantes do nosso trabalho”, opina Gabriela.

Projetos visam o fortalecimento de culturas

O trabalho do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável da Mata Atlântica (Desma) iniciou em 2002, impulsionado pelo projeto Samambaia Preta. O grupo realizou a análise da espécie nativa da região de Mata Atlântica cuja comercialização era proibida, mas que se tratava da principal fonte de renda dos agricultores. O Programa de Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) fez um diagnóstico da população quanto à sua fonte de renda. Enquanto isso, o grupo iniciou com um estudo biológico para tentar avaliar a sustentabilidade do corte da planta.

Como resultado, o Desma conseguiu, em 2006, que o extrativismo da samambaia fosse regulamentado, garantindo o sustento dos produtores. Além disso, serviu de impulso para novos projetos, alguns em comunidades indígenas e de pescadores.

A partir de 2008, o Núcleo se envolveu com o processo de identificação e delimitação das terras indígenas, em função da Constituição de 1988, que prevê essa demarcação. Com o primeiro contato com os guaranis, o grupo percebeu suas demandas de sobrevivência. Um dos braços do programa teve mais abrangência que o esperado. Para resgatar a cultura do avati (como é chamado o milho no idioma guarani), utilizado para o batismo de crianças, o projeto propôs o intercâmbio entre aldeias para o resgate de sementes.

No trabalho foi incluído o aporte da professora Rumi Regina Kubo, em Antropologia Visual, a partir do qual os indígenas receberam câmeras para filmarem as situações do intercâmbio. Em seguida, os guaranis de Maquiné (RS) estiveram na Argentina para principiarem a troca com seus familiares de outras regiões, que se espalham entre Brasil, Paraguai e Argentina. Nesse trabalho, dois indígenas recebem bolsa do CNPq, o que os inclui como pesquisadores do projeto.

Outro trabalho implementado foi o Projeto Jussara. A planta que dá nome ao estudo está em extinção pela necessidade de matar o pé para a extração do palmito. Por isso, o objetivo do Núcleo é o aproveitamento do fruto da jussara, que é similar ao açaí. A Ong Anama, parceira do Desma, trouxe da Região Norte do País uma despolpadeira e realizou oficinas com os agricultores e as escolas locais para introduzir a proposta. A ideia é colocar no mercado o "açaí gaúcho".

Ainda que já realizado um estudo de cadeias produtivas e um trabalho de incentivo aos produtores, o projeto esbarra em questões legais, que se estendem a todas as frutas nativas. A vigilância sanitária exige a implementação de agroindústria, através da construção de uma estrutura propícia à produção. Por outro lado, a necessidade de grande investimento impede muitos agricultores de aderirem ao cultivo. Por isso, o trabalho do Desma inclui também o fomento desse tipo de discussão dentro da Universidade e com órgãos governamentais, como a Emater e a Secretaria da Agricultura.

Outro projeto que ocorre desde a formação do Desma é o de artesanato com fibras naturais e palha de bananeira. Um grupo de mulheres de Maquiné se utiliza desses recursos, abundantes na região, para a confecção de cestas e outros produtos, que hoje são comercializados em feiras como a Expointer.

A ideia nasceu da tese de doutorado de Gabriela, que pesquisou alternativas de renda para o extrativismo da samambaia preta. As mulheres da comunidade local já trabalham com autonomia, e o papel do Núcleo é seguir acompanhando o andamento. Além disso, o programa permitiu, cientificamente, a identificação de mais de 20 espécies de cipós e a percepção da semelhança entre diferentes populações tradicionais.

O projeto mais recente, o Agroflorestas no Estado, é uma cooperação do Núcleo com outros grupos da Ufrgs e a Emater. O objetivo é o mapeamento das agroflorestas, termo utilizado para a iniciativa de plantio dentro da própria floresta e o aproveitamento do que a mata oferece. O trabalho vem identificando as áreas para a construção de uma ferramenta multimídia, na qual o usuário possa ter as informações da produção em cada local. Desta forma, o estudo deve entender quais são os gargalos que impedem os produtores de investirem mais em suas regiões.

Outra parte deste projeto visa reavivar viveiros em determinadas comunidades, propiciando que eles realizem encontros para definir a produção e o local de plantação. O programa visa fortalecer iniciativas por meio de encontros das cooperativas para a troca de experiências. Aliás, princípios de fortalecimento da cultura, de segurança alimentar e de estabelecimento de redes estão presentes em todas as iniciativas do Desma. ☞



Alguns projetos visam o resgate da agrobiodiversidade relacionada à alimentação, agricultura e artesanato



Visita à Maquiné (RS), durante saída de campo da disciplina Etnoconservação, do PG em Desenvolvimento Rural



Seu Renato, mestre de Terno de Reis, agricultor e artesão de instrumentos musicais, e dona Maria, integrante do grupo de mulheres da Solidão, durante atividade de campo em Maquiné (RS)

Moacir Berlato

“As secas no Estado são um problema que tem solução”

As estiagens são, de longe, o fenômeno mais adverso à agricultura gaúcha, e isso não é um problema recente. Elas fazem parte da história do clima do Estado, muito antes de se falar em mudanças climáticas. Nas décadas de 40, 50 e 60 houve grandes estiagens no Rio Grande do Sul, mais severas e extensas que as das últimas décadas. No entanto, até hoje o problema não foi enfrentado devidamente, afirma Moacir Berlato, Professor Associado II, aposentado convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), ligado ao Grupo de Agrometeorologia da Faculdade de Agronomia.

Em entrevista à revista Adverso, o professor Berlato fala sobre as mudanças climáticas no Rio Grande do Sul e, mais particularmente sobre o problema da seca que afeta diretamente a economia do Estado e a vida da população. Segundo ele, sobra água para ser armazenada e usada nos períodos de escassez. “No entanto, historicamente, os governos e tomadores de decisão da agricultura só se preocuparam e atuaram quando da ocorrência desse fenômeno meteorológico adverso”, diz o professor. “Estão sempre correndo atrás do prejuízo. Nunca houve decisão política de enfrentar cientificamente a calamidade das secas recorrentes do Rio Grande do Sul”.

Por Marco Aurélio Weissheimer

Adverso: Qual o trabalho que o Grupo de Agrometeorologia da Faculdade de Agronomia da Ufrgs vem desenvolvendo a respeito das mudanças climáticas no Rio Grande do Sul?

Moacir Berlato: O Grupo trabalha há mais de 30 anos com meteorologia aplicada à agricultura. É um grupo de pesquisa do CNPq, e uma das referências em agrometeorologia do País. Embora ainda na década de 90 estudos preliminares sobre tendências ou mudanças climáticas no Rio Grande do Sul tenham sido publicados, foi a partir do Relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) de 2001, sobre o aquecimento global e os impactos já observados no clima de diversas regiões da Terra, que nossas pesquisas no assunto foram intensificadas. Em 2004 participamos, a convite, de um workshop de caráter internacional realizado na Universidade Federal de Alagoas, com a participação dos Serviços Meteorológicos e Universidades da América do Sul, com o objetivo de avaliar as mudanças climáticas do continente sul-americano. Para isso, cada convidado levou séries meteorológicas diárias (1960-2000) de precipitação pluvial e temperaturas de seu estado ou país. Lá, durante uma semana, trabalhou-se gerando índices que pudessem apontar mudanças de extremos climáticos na América do Sul.

Adverso: O que apontaram estes índices?

Berlato: Os resultados mostraram que, a exemplo de outros continentes já estudados também na América do Sul - especialmente no sudeste, incluindo o sul do Brasil - há fortes sinais de tendências climáticas: aumento da temperatura, especialmente a mínima; aumento de precipitações intensas; aumento de noites quentes; aumento de ondas de calor; redução no número de dias de geadas severas, entre outros. Mais tarde, em 2006, propusemos um projeto denominado Avaliação de Tendências Climáticas e Agroclimáticas no Sul do Brasil e Relações com Indicadores Oceânicos e Rendimentos Agrícolas, que está em andamento, com o apoio do CNPq.

Adverso: Considerando as tendências verificadas nos últimos anos, como pode ser caracterizado o cenário climático aqui no Estado? Estamos em meio a um processo de mudança significativa?

Berlato: Conforme as análises feitas entre 1950 e 2009, o sistema climático do Rio Grande do Sul se alterou significativamente, especialmente a partir da década de 70. Este trabalho que estudou a tendência de 12 variáveis meteorológicas e agrometeorológicas de todas as regiões climáticas do Estado, foi objeto de uma dissertação de mestrado da estudante de Agrometeorologia Ana Paula

Cordeiro, sob nossa orientação, defendida há cinco meses e da qual sairão cerca de três trabalhos científicos.

Em resumo, os resultados mostram que, das temperaturas, foi a mínima que apresentou maior aumento. No período, ela aumentou 0,86 °C no ano; 0,89 °C no verão; 1,08 °C no outono; 0,97 °C na primavera e 0,52 °C no inverno. Todos esses aumentos foram estatisticamente significativos. Fato importante, houve grande coerência espacial: 79% das estações meteorológicas tiveram aumento significativo no ano; 86% no outono; 79% na primavera e verão, e 71% no inverno. Esses resultados são coerentes não só com nossos trabalhos anteriores, mas também com o que vem acontecendo na região sudeste da América do Sul. A temperatura mínima resulta do resfriamento noturno pela emissão de calor pela superfície da Terra, também chamada radiação de

"O último relatório do IPCC considera que se as emissões dos gases de efeito estufa continuarem nos níveis atuais ou maiores, provavelmente o aquecimento no século XXI será pior do que o da segunda metade do século passado"

ondas longas; isso significa que as noites ficaram mais quentes, especialmente na primavera, no verão e no outono.

Em outro trabalho do mesmo projeto, mostrou-se que houve redução de geada no Rio Grande do Sul, coerente, portanto, com o aumento das temperaturas mínimas. A temperatura máxima, que ocorre, em geral, nas primeiras horas da tarde também aumentou na média do Estado, e nas estações do ano - exceto no verão que diminuiu, mas com incrementos muito menores que as mínimas e sem a coerência espacial daquela. A temperatura média aumentou no ano e nas quatro estações, mas mais devido à elevação da mínima. Houve aumento da precipitação pluvial total, mas, possivelmente, com contribuição significativa da elevação da intensidade das precipitações. Em outra dissertação de mestrado orientada, de Maria Custódio, foi mostrado que a nebulosidade diurna aumentou e consequentemente diminuiu a insolação. Ou

seja, há grande coerência nas tendências dessas variáveis meteorológicas em território sul-rio-grandense.

Adverso: Quais seriam as principais causas dessas mudanças? Há fatores locais, como desmatamento e assoreamento de rios, que contribuem para isso?

Berlato: A abrangência ou consistência espacial, com grande área apresentando os mesmos sinais de tendência, sugere que fenômeno de grande escala seja a causa principal. Trabalhos, tanto para o sudeste da América do Sul, como para o Rio Grande do Sul, mostram correlações significativas entre a tendência da precipitação pluvial, temperatura e a temperatura da superfície do mar, especialmente do Oceano Pacífico equatorial que é a região onde ocorre o fenômeno El Niño Oscilação Sul-Enos. Mas isso é consistente com o aquecimento global, cuja primeira consequência é a elevação da temperatura dos continentes e dos oceanos. Os fatores locais apenas teriam atuação complementar ou secundária. O desmatamento, especialmente das matas ciliares, ao longo das margens dos rios, agrava o impacto dos fenômenos climáticos extremos, como as enchentes.

Há consenso quanto ao aquecimento do sistema climático mundial, comprovado pelo aumento das temperaturas medidas em estações meteorológicas da superfície da Terra. Existe alguma controvérsia quanto à causa do aquecimento global, se natural ou devido à ação antrópica, ou seja, liberação de gases de efeito estufa na atmosfera pela atividade humana, principalmente o CO₂. A grande maioria dos cientistas e os relatórios do IPCC atribuem o aquecimento global à ação do homem. Também, o último relatório do IPCC, de 2007, considera que se as emissões dos gases de efeito estufa continuarem nos níveis atuais ou maiores, muito provavelmente o aquecimento no século XXI será maior do que o ocorrido na segunda metade do século passado.

Adverso: Na sua opinião, a comunidade científica e os governantes do Estado estão levando essa questão suficientemente a sério?

Berlato: A comunidade científica sim, os governantes não. Os pesquisadores têm estudado exaustivamente e dado alertas sobre o problema do aquecimento global e seus prováveis impactos nos diversos setores da sociedade, inclusive no Brasil. E muitos resultados desses trabalhos são considerados nos relatórios do IPCC. No Brasil, os governos atuam, precariamente, no pós-fato, e na época de catástrofes climáticas anunciam criação de sistemas de alerta a exemplo de outros países que, com algumas exceções, sempre minimizam esses impac-

tos, principalmente salvando vidas humanas. Falemos do Rio Grande do Sul: as estiagens são, de longe, o fenômeno mais adverso à agricultura gaúcha. Estas fazem parte da história do clima do Estado, e, portanto, já existem muito antes de se falar em mudanças climáticas. Nas décadas de 40, 50 e 60 houve grandes estiagens e mais intensas e extensas que as das últimas décadas.

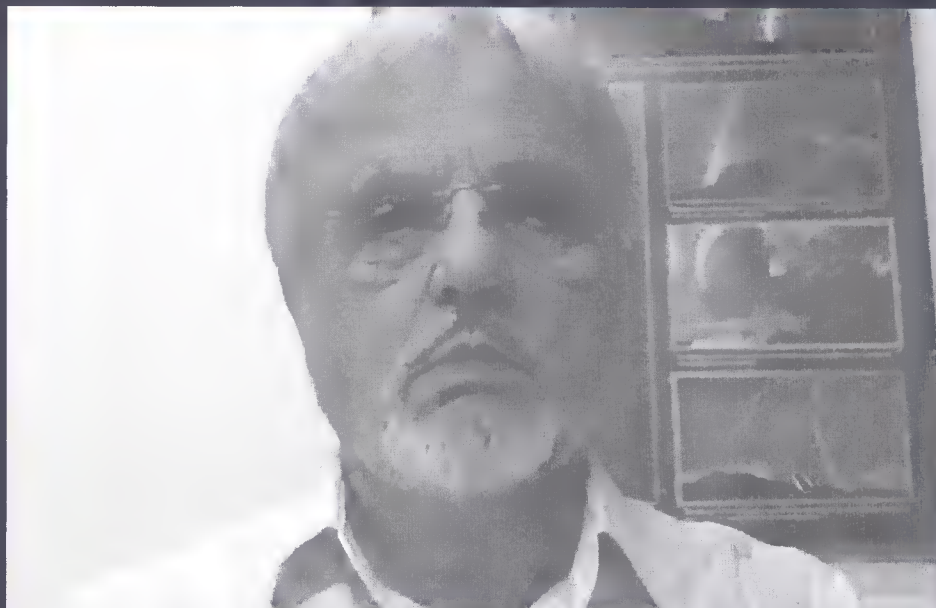
Conforme dados da Emater da Fepagro, nos últimos 25 anos, dez estiagens assolaram o Estado, com perda da ordem de 37 milhões de toneladas de grãos, somente de soja e milho. Para mitigação dos efeitos das estiagens, a estratégia mais eficiente é a irrigação. O Estado tem balanço hídrico climático positivo no inverno, mesmo quando há estiagem no verão. Sobra água para ser armazenada e usada nos períodos de escassez. Mas, historicamente, os governos e tomadores de decisão da agricultura só se preocuparam e atuaram quando da ocorrência desse fenômeno meteorológico adverso. Correndo atrás do prejuízo. A volta da chuva e das boas safras sempre fizeram o assunto cair no esquecimento. Nunca houve decisão política de enfrentar técnico-cientificamente a calamidade das secas recorrentes do Rio Grande do Sul. No último governo do Estado, foi criada uma Secretaria de Irrigação. Foi um passo acertado no sentido de enfrentamento do problema. Mas parece que essa Secretaria foi extinta e suas atribuições atreladas a outro órgão do Estado. Tomara que, mesmo assim, funcione.

Adverso: É possível contabilizar os prejuízos que essas mudanças vêm causando na agricultura e em outras atividades produtivas do Estado?

Berlato: Os impactos de mudanças climáticas na agricultura podem ser negativos ou positivos. No Rio Grande do Sul não há ainda impactos contabilizados com base em dados observacionais ou experimentais. Há

"Nunca houve decisão política de enfrentar técnico-cientificamente a calamidade das secas no Rio Grande do Sul"

algumas simulações por modelos e impactos potenciais deduzidos do conhecimento das relações clima-planta, objeto fundamental da agrometeorologia. Segundo o Zoneamen-



to Climático de Risco da Embrapa, um aumento da temperatura média de 3°C tornaria todo o Rio Grande do Sul inapto para a cultura da soja. Ou seja, varreria de nosso mapa mais de quatro milhões de hectares da maior cultura produtora de grãos do Estado, em área e produção.

Isso foi simulado para uma época de semeadura de início de novembro, mas a faixa de semeadura da soja no Rio Grande do Sul vai até meados ou final de dezembro e isso poderia mudar completamente esse exagerado prognóstico, até porque o aumento de temperatura vai alongar a estação de crescimento das culturas de primavera-verão. Aliás, a época de semeadura das culturas produtoras de grãos será uma das estratégias mais simples e baratas para mitigação dos impactos negativos da elevação da temperatura. Modelos de simulação derivados por pesquisadores gaúchos e argentinos dos impactos do aumento da temperatura nas culturas produtoras de grãos no sudeste da América do Sul (Região Pampeana da Argentina, Uruguai e sul do Brasil) mostram diminuição de rendimento para trigo e milho, especialmente por causa da redução do ciclo dessas culturas causada pelo aumento da temperatura. A soja não sofreria impacto negativo, pelo menos até cerca de 3°C de aumento da temperatura, sem outras limitações, como água e nutrientes.

Tem sido mostrado, também, redução do número de dias de geadas em diversas regiões subtropicais e temperadas, inclusive no sudeste da América do Sul. No Rio Grande do Sul os resultados mostram redução de geada no ano, no inverno e no outono. A diminuição de geada no outono, por exemplo, seria favorável ao campo nativo e às pastagens, por estender o período de crescimento e de oferta de forragem, e com

isso permitir que o rebanho enfrente o inverno em melhores condições.

O aumento da precipitação pluvial nos seis meses mais quentes do ano seria excelente para as culturas de primavera-verão não irrigadas do Rio Grande do Sul, pois a deficiência hídrica normal no verão limita os rendimentos dessas culturas, e as estiagens frequentes nessa época do ano são as causas das grandes quebras de safra no Estado. A redução da precipitação pluvial no inverno, não seria, em geral, problema para a agricultura, pois o clima do Estado apresenta excedentes hídricos nessa época do ano.

Das estratégias propostas para enfrentamento das mudanças climáticas (prevenção, mitigação e adaptação), a adaptação parece ser a mais importante para a produção de alimento. Embora estratégias simples e baratas como o manejo do calendário agrícola ou substituição de cultivares ajudarão muito na adaptação a possíveis novos agroclimas, estratégias como o desenvolvimento de novas variedades - tolerantes a altas temperaturas e mais eficientes no uso da água, por exemplo - e a irrigação serão as mais eficientes, mas também as de custos elevados. E aí, os países desenvolvidos, que são os maiores responsáveis pelo aquecimento do sistema climático mundial, terão vantagens em tecnologia e tempo para mitigação dos impactos negativos na agricultura. De qualquer forma, a pior estratégia é a inação - o pagar para ver - porque isso poderá ter consequências negativas severas à produção de alimento. (A)

O iPad em sala de aula

Lançado em abril de 2010 e desde dezembro disponível oficialmente no Brasil, o iPad promete revolucionar a maneira como o conteúdo digital é acessado por seus usuários. Ostentando o visual de um iPhone gigante, com sua tela de touch-screen, o iPad trabalha como um computador portátil – é possível redigir e-mails, acessar sites na internet, exibir vídeos e ler versões digitais de livros, jornais e revistas. Além disso, como já acontecia com outros produtos do gênero, existe uma imensa gama de aplicativos desenvolvidos especialmente para o tablet da Apple. Baixados de forma gratuita ou a custo de poucos dólares, os aplicativos (ou apps) são uma espécie de programa que acrescenta novos recursos ao iPad, como um jogo, um editor de texto mais arrojado ou um visualizador de mapas.

Apesar de a esmagadora maioria dos aplicativos ainda estar ligada ao mundo dos jogos eletrônicos e do entretenimento, uma pesquisa da Distimo, empresa especializada na análise de lojas de programas, apontou que 8% dos cerca de 200 mil aplicativos produzidos em 2010 são voltados para a educação – atrás apenas dos games e do entretenimento.

Fonte: Carta Capital



Médicos podem acessar exames pelo celular

Um novo aplicativo que permite aos médicos o acesso a exames de imagens de seus pacientes através de seus celulares e tablets está disponível nos Estados Unidos desde o início do mês. O aplicativo chamado Mobile MIM foi aprovado no país pela FDA (agência que regula remédios nos EUA).

O programa será vendido em 14 idiomas nas lojas da Apple em 34 países da Europa, Ásia, América Latina e Oriente Médio. O aplicativo, que por enquanto só pode ser instalado no iPhone e iPad, fabricados pela Apple, serve para a observação de imagens captadas por tomografia computadorizada, ressonância magnética (MRI) e tecnologias de medicina nuclear, como a tomografia por emissão de pósitrons (PET).

A Mobile MIM comprime as imagens tomadas em um hospital ou consultório médico para sua transferência segura à rede e as envia ao telefone celular ou tablet apropriado. O médico que receber as imagens pode medir distâncias e valores de intensidade, e pode ler as anotações e regiões de interesse.

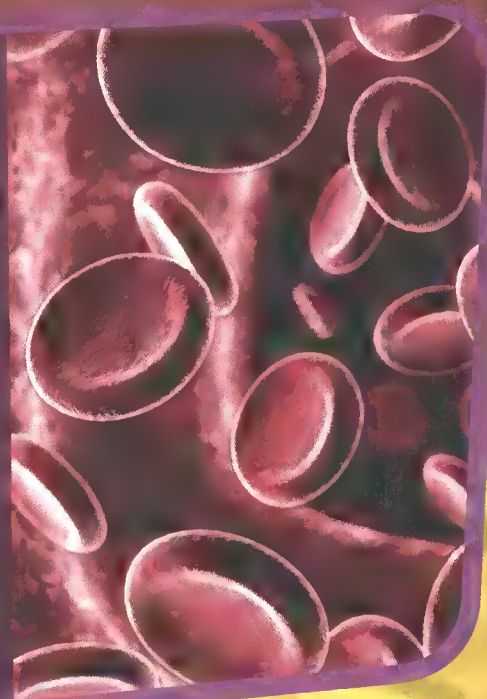
Fonte: Folha de São Paulo

Brasil e Argentina irão financiar pesquisas com células-tronco

De forma conjunta, mediante um programa bilateral, o Brasil e a Argentina irão financiar pesquisas com células-tronco que deem prioridade a sua aplicação no tratamento de doenças. O investimento faz parte do Programa Binacional de Tratamento Celular da Argentina e tem como objetivo que equipes dos dois países formem projetos conjuntos que fortaleçam a colaboração bilateral na área.

O Ministério do país vizinho abriu um edital para selecionar na Argentina trabalhos voltados, por um lado, à pesquisa básica de células-tronco embrionárias, e, por outro, a experimentos em modelos animais para determinar a segurança e eficiência de intervenções terapêuticas que utilizem células-tronco. No entanto, o maior investimento feito pelo governo argentino, de até R\$ 409 mil por projeto, será para financiar trabalhos voltados à aplicação clínica de células-tronco para o tratamento de doenças.

Fonte: Agência EFE



Universidade Federal realiza encontros do Pibid em março

O 2º Encontro Interinstitucional do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e o 3º Encontro Institucional Pibid/Ufrgs ocorrem em março, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Estes encontros terão como objetivo a socialização das experiências dos programas das instituições de ensino superior (IES) gaúchas. Serão discutidas questões relacionadas ao programa e à formação de professores por meio das seguintes temáticas: elaboração de material didático; relatos de experiências em oficinas e salas de aula; estudos curriculares e discussões sobre conteúdos básicos; políticas e vivências do espaço escolar; relações interpessoais, profissão e preparação para o trabalho; e ações com a comunidade.

Os eventos simultâneos contarão com a apresentação de trabalhos, mesas redondas, salas de debates, rodas de conversa, mostras e atividades culturais.

O Pibid é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que

oferece bolsas aos estudantes de licenciatura para a valorização do magistério. Um dos objetivos do programa é a elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições públicas de educação superior, assim como a inserção dos estudantes de licenciatura no cotidiano de escolas da rede pública de educação, o que promove a integração entre educação superior e educação básica.

Outra finalidade é proporcionar aos futuros professores a participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. A iniciativa também visa incentivar as escolas públicas de educação básica a tornarem-se protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes.

Fonte: Assessoria de Imprensa da Capes

Morre professor que ajudou a criar Faculdade de Administração da Ufrgs

Um dos líderes da criação da Faculdade de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Sebastião Gomes de Campos, morreu no último dia 20 de janeiro, aos 96 anos, vítima de falência múltipla de órgãos, no Hospital São Lucas da Puc-RS.

Nascido em Faria Lemos (MG), Campos chegou ao Estado na década de 30 para dar aulas na Escola Técnica de Comércio do Instituto Educacional de Passo Fundo.

Mais tarde, transferiu-se para o Instituto Porto Alegre (IPA), onde foi docente no antigo curso de Perito Contador. Antes da criação da Faculdade de Administração da Ufrgs,

foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas, tendo assumido a direção em diferentes oportunidades.

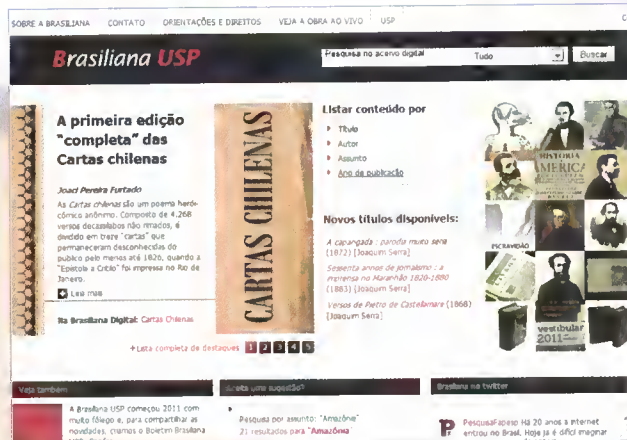
Também lecionou na Puc-RS. Registro número 1 no Conselho Regional de Administração do Rio Grande do Sul (CRA-RS), Campos era casado, teve três filhos (um falecido) e quatro netos.

Fonte: zerohora.com

Biblioteca Brasileira

<http://www.brasiliana.usp.br>

A Universidade de São Paulo lançou um site que disponibiliza 3 mil livros para download. Ao entrar no portal, o internauta encontra livros raros, documentos históricos, manuscritos e imagens que são parte do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, doada à Universidade. Há planos de aumentar o catálogo para 25 mil títulos e incluir as primeiras edições de Machado de Assis e de Hans Staden.

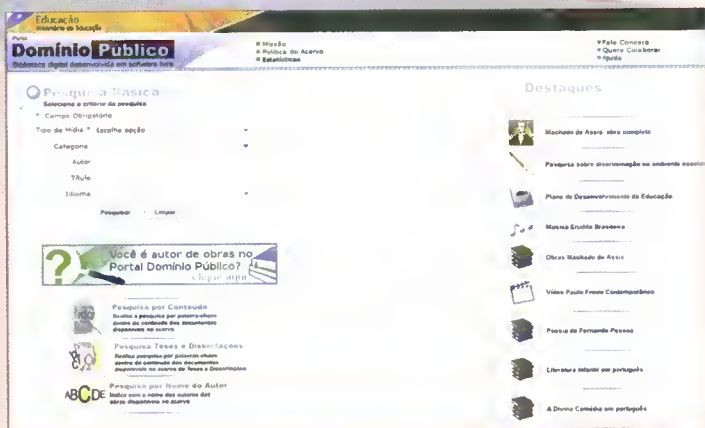


Domínio Público

<http://www.dominiopublico.gov.br>

A Divina Comédia, de Dante Alighieri; Os Lusíadas, de Luis Vaz de Camões; e Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, são algumas das 2 mil obras literárias disponíveis para download gratuito no portal Domínio Público.

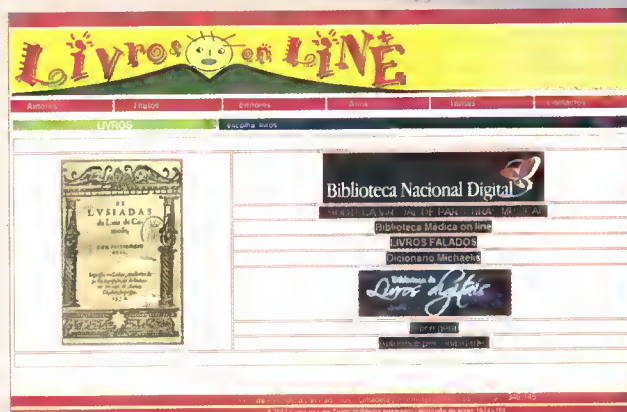
O site do governo federal fornece diversos livros que já estão em domínio público, porque os autores morreram há mais de 70 anos. Como alguns têm mais de uma versão, pode ocorrer a repetição de um ou outro título ao longo da lista. Além disso, nem todos os arquivos são livros completos, mas contos específicos de algum autor. Os títulos estão por ordem de maior procura: os mais populares primeiro e os menos populares por último.



Livros online

<http://www.livrosonline.net>

Este portal serve de acesso à Biblioteca Nacional de Portugal, à Biblioteca Médica, ao portal de livros falados Librivox, e a Biblioteca de Livros Digitais, dedicada às publicações infantis. Além disso, também é possível acessar a Biblioteca Virtual de Partituras Musicais, que oferece download de música vocal e instrumental brasileira, da América-latina e Internacional, e pesquisar sobre alguns títulos e autores com a obra em domínio público.

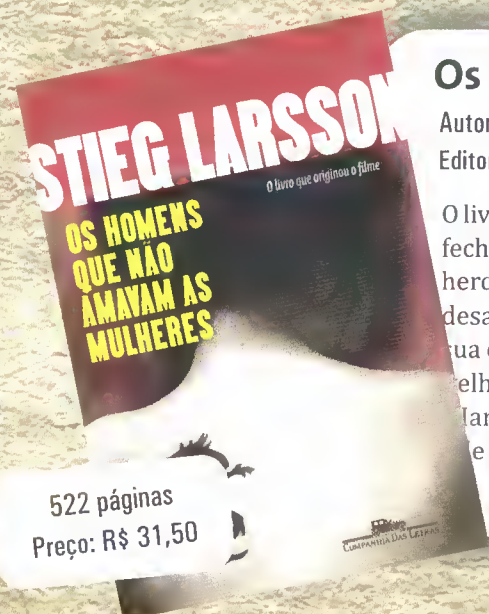


1930 - Águas da Revolução

Autor: Juremir Machado da Silva

Editora: Record

Neste romance sobre as conspirações, fatos e causas da origem da Revolução de 1930, é a voz de um de seus soldados, Gabriel d'Ávila Flores, com 98 anos, que costura, com suas memórias, todas as outras. Ele lutou em 1930 ao lado dos legalistas, contra os revolucionários de Getúlio Vargas. Em 1932, engrossou as colunas do exército de Getúlio contra os paulistas. Lutou, viu o Estado Novo chegar e passar, viu a democracia voltar, Getúlio retornar ao poder, e a comoção provocada por seu suicídio.



Os Homens que Não Amavam as Mulheres

Autor: Stieg Larsson

Editora: Companhia das Letras

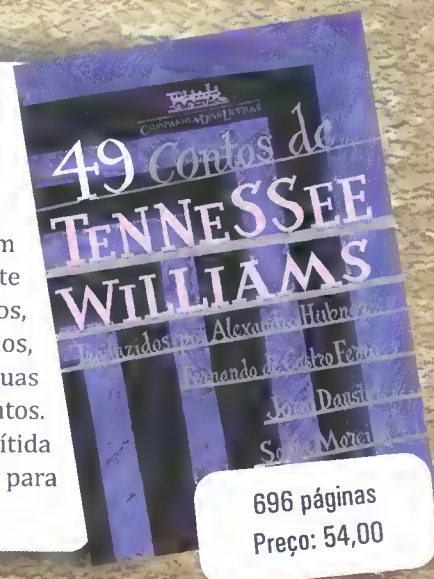
O livro é o primeiro volume da trilogia Millennium. A obra é um enigma a portas fechadas - passa-se na vizinhança de uma ilha. Em 1966, Harriet Vanger, jovem herdeira de um império industrial, some sem deixar vestígios. No dia de seu desaparecimento, fechara-se o acesso à ilha onde ela e diversos membros de sua extensa família se encontravam. Desde então, a cada ano, Henrik Vanger, o velho patriarca do clã, recebe uma flor emoldurada - o mesmo presente que Harriet lhe dava, até desaparecer. Ou ser morta. Pois Henrik está convencido de que ela foi assassinada. E que um Vanger a matou.

49 Contos de Tennessee Williams

Autor: Tennessee Williams

Editora: Companhia das Letras

Nesta reunião de todos os seus contos, Tennessee Williams, dono de um tom de voz narrativo descrito por Gore Vidal como 'absolutamente envolvente', apresenta uma galeria de personagens frágeis, insensatos, perdidos, por vezes maravilhosamente loucos ou desvairadamente lúcidos, mas sempre apaixonantes. É por amor que constrói os personagens de suas peças, segundo relato autobiográfico que serve de prefácio a esses 49 contos. Ao mergulhar nas narrativas que compõem o volume, o leitor tem a nítida sensação de que o amor de Tennessee Williams era vasto o bastante para transbordar também para os personagens de seus contos.



BOM FIM

um bairro com muitas histórias

Exposição na Ufrgs mostra as diversas facetas das ruas que serviram de refúgio de escravos, formam o coração da comunidade judaica, e já foram reduto de boêmios da cidade

Por Michelle Rolante



Da mesa do bar à vitrine do museu

Os objetos funcionais normalmente se esgotam no presente. Existem apenas, como diz Baudrillard, no indicativo e no imperativo prático. Porém, ao adentrarem num museu, tornam-se, na expressão de Pomian, semióforos, objetos portadores de sentido, capazes de remeter a outros tempos, espaços e vivências.

Fotos cedidas/Museu da Ufrgs

O Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) apresenta exposição que reúne as diversas facetas de um dos mais tradicionais bairros de Porto Alegre: refúgio de escravos, coração da comunidade judaica, reduto da boemia. 'Bom Fim, Um Bairro, Muitas Histórias' traz imagens representativas do passado e do presente, como a produção artística concebida no local, as manifestações contra a ditadura militar e o cotidiano de um bairro residencial e comercial, situado na região central da capital gaúcha.

O professor Benito Bisso Schmidt, do Departamento de História da Universidade é o curador geral da Exposição. Ele também é diretor do Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul, e ao assumir o cargo na Instituição, que é vinculada ao Tribunal Regional do Trabalho, em 2008, percebeu que existiam muitos estabelecimentos

culturais localizados no bairro - entre eles, o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, a Sociedade Italiana, o Tablado Andaluz, o Museu da Ufrgs, o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, e o Clube de Cultura de Porto Alegre, além de uma série de livrarias.

A partir desta constatação, Schmidt decidiu criar o projeto Corredor Cultural Bom Fim, que começou a ser idealizado ainda no final de 2008. A primeira ação realizada foi lançar um Mapa Cultural do bairro, em 2009, com a localização das diversas instituições culturais e focando na função e importância de cada uma. "Dentro desse mesmo projeto, realizamos a Feira do Livro e da Cultura do Bom Fim. Em 2010 ocorreu a segunda Feira, que foi realizada no Colégio Militar", recorda o professor, destacando que, na época, também foi lançado um site do Corredor Cultural Bom Fim. >

Como existem muitas histórias, fotos, depoimentos, instituições culturais e de educação no bairro, Schmidt aceitou promover a exposição Bom Fim: Um Bairro, Muitas Histórias. Ele conta que o Museu da Ufrgs, que participava com frequência das atividades do Corredor Cultural, o convidou para fazer a curadoria da Mostra. "A exposição é também uma atividade do Projeto, com a intenção não só de homenagear, mas de provocar uma reflexão sobre o local." Desta forma, as pessoas podem ter conhecimento do que foi o bairro e quais atividades aconteceram lá, explica o curador.

"Para montar a Exposição, pesquisamos muitas obras que falavam sobre o Bom Fim", lembra Schmidt, contando que o grupo de pesquisa se deparou com uma frase dita pelo escritor Moacyr Scliar em uma entrevista: 'O Bom Fim tem muitas histórias e eu continuo ouvindo todas'. "Partimos em busca dessas histórias através de pesquisas no Museu da Ufrgs - que tem um acervo muito grande de imagens - no Museu de Porto Alegre e no Instituto Cultural Marc Chagall, que foi muito importante também no empréstimo de fotos e entrevistas." A exposição foi organizada em quatro grandes módulos, após oito meses

de pesquisas e entrevistas com o auxílio dos moradores mais antigos do bairro.

Histórias de terras distantes

Sempre que pensamos no bairro Bom Fim, lembramos da comunidade judaica, devido às muitas sinagogas existentes no local. Mas as pessoas desconhecem que outros grupos étnicos importantes também compõem o bairro, argumenta o professor do Departamento de História da Ufrgs. "Na Mostra, destacamos três etnias: negros, italianos e judeus", salienta.

Segundo o curador, essas etnias foram destacadas para dar um aspecto multifacetado, mas existem outras que compõem o bairro. "Quando se fala na memória do Bom Fim parece que tudo era muito harmônico, ou seja, quando somos remetidos para o passado, tudo parece mais calmo e valoroso." Durante o período de pesquisa no Museu da Ufrgs, Schmidt verificou a ocorrência de muitos conflitos étnicos, muitas perseguições, muitas disputas entre as diversas raças retratadas posteriormente na Exposição. "Uma pessoa que conferiu a Mostra disse ter se sentido incomodada com um dos painéis,



porque falava de uma empresa que seria antisemita, segundo o depoimento de uma judia que morava no bairro e já é falecida", conta o professor.

Ele ressalta que o objetivo é mostrar que essas etnias ocuparam e formaram o espaço, mas que nem sempre viveram harmonicamente. Existia preconceito contra os negros, contra os judeus, além de rivalidades entre os grupos - e repassar estas informações também faz parte da função da Mostra, argumenta Schmidt. "Nosso objetivo não é só homenagear e consolidar uma memória que já existe, e sim provocar um incômodo", destaca.

O bairro hoje conhecido como Rio Branco antes era chamado de Colônia Africana, porque era uma região onde viviam negros. Mais tarde, com a especulação imobiliária, o bairro se tornou uma região de classe média alta, enquanto na época da Colônia Africana era

uma zona "mal vista" na cidade. Os afrodescendentes que habitavam essa região frequentavam muito o Parque Farroupilha (conhecido como Da Redenção). "As moças negras eram conhecidas como namoradeiras, porque costumavam encontrar os namorados na Redenção, durante a década de 40", recorda o professor de história.

O módulo Histórias de Terras Distantes inserido na Mostra tem o objetivo de informar que o Bom Fim foi ocupado por diferentes grupos que vieram de outros países, mas que esse mosaico é muito mais amplo do que normalmente as pessoas pensam - sem desconsiderar a importância da comunidade judaica na constituição do bairro. Entre os próprios judeus havia rixas. Por exemplo: existiam os judeus religiosos que frequentavam as sinagogas e também os judeus laicos e de esquerda. "Estes não eram sionistas e se reuniam no Clube de



Cultura de Porto Alegre, na rua Ramiro Barcelos”, destaca Schmidt, contando que era muito grande a agitação cultural e política neste lugar. Através de pesquisas realizadas no acervo do Clube de Cultura, que também cedeu fotos e documentos, foi possível mostrar que dentro dessas comunidades existiam diferenças. “A ideia principal é revelar essa pluralidade do local.”

Rebeldia e transgressão

O Bom Fim tem uma imagem de um espaço de transgressões - e isso ficou muito marcado na história da sociedade gaúcha. No resgate feito pelo professor do Departamento de História da Ufrgs, nota-se que esse fato tem uma tradição muito antiga. Nos anos 20, grupos comunistas se instalaram no bairro como sindicatos. Depois foi a vez da rebeldia estudantil, muito vinculada à própria história da Ufrgs. Primeiro, foi uma forma de contestação ao Golpe de 1964. Na época da Ditadura Militar não foi diferente, com a luta pelas liberdades democráticas. Além da rebeldia não propriamente política, no sentido estrito, havia uma rebeldia comportamental que era percebida através das diversas tribos de adolescentes que frequentavam o bairro, principalmente à noite, como punks e darks, entre outros.

Alguns moradores tinham até certo medo dessas pessoas da boemia da década de 80, que assistiam shows e saraus em bares como o Ocidente. “Atualmente é a Parada Gay que contorna o Parque da Redenção. Então queremos mostrar, nesse caso, que são várias rebeldias e várias transgressões registradas na história do bairro”, diz Schmidt.

Histórias imaginárias

O módulo da Exposição que leva o título Histórias Imaginárias fala sobre a produção cultural - tanto aquela que é feita no Bom Fim, quanto a encontrada na literatura, cinema, teatro, dança, música e outras manifestações artísticas que carregam o bairro como temática. A Casa de Cinema emprestou filmes que contêm cenas que se passaram neste espaço. As músicas utilizadas na exposição foram cedidas pelos artistas Nei Lisboa e Frank Jorge. “Muitas pessoas contribuíram, doando para a Mostra ingressos, camisetas e recortes de jornal de shows de bandas de rock que aconteceram no bairro, e que estão expostos na parte central do Museu”, destaca o curador.


O professor Luiz Augusto Fischer, subcurador da Exposição, realizou uma pesquisa para verificar como o Bom Fim aparece retratado na literatura. O resultado

pode ser visto em alguns espaços do Museu, onde foram expostos trechos literários, citando o bairro.

A vida diurna e noturna

Outro módulo da Mostra retrata como o Bom Fim muda a sua cara de dia e de noite. Durante o dia, se caracteriza por ser um bairro praticamente de serviços, comércio, e residencial, além de comportar escolas, como o Colégio Anne Frank e o Instituto de Educação. “Atualmente bem menos, mas antes o Bom Fim se caracterizava por ter uma vida noturna muito agitada”, afirma Schmidt, lembrando que nos anos 80 e 90 aconteciam importantes apresentações e shows no Auditório Araújo Viana e em outros bares do “Bomfa”, como é carinhosamente chamado pelos seus moradores e frequentadores.

“Para passar para o público essa ideia do dia e da noite, conversei com o Elcio Rossini, responsável pela expografia da Exposição do Bom Fim e, com o apoio da TV da Ufrgs, colocamos uma câmera em um ponto e gravamos 24 horas do movimento no bairro”, conta Schmidt. Essas imagens são projetadas em apenas dois minutos - continuamente -, dentro de uma caixa de espelhos. “Essa instalação é quase uma proposta artística”, ressalta o curador.

No segundo andar do Museu foi montado ainda um bar fictício, para homenagear os diversos bares do Bom Fim, com fotos de vários deles. Nesse local, ocorrerá uma série de programações no decorrer da Exposição, que se estende até julho de 2011. “Ao longo do período, teremos saraus, debates, música e gastronomia, sempre no mezzanino”, ressalta Schmidt. No local também há uma exposição de fotografias que foi organizada pelo Núcleo de Antropologia Visual, coordenado pela professora Cornélia Eckert. “Esse trabalho foi muito importante, porque acabou integrando várias áreas da Universidade, como Museologia, Antropologia, Informática, Letras e História”, destaca o professor. 

O que:

exposição Bom Fim: Um Bairro, Muitas Histórias

Quando:

até 1º de julho, de segundas às sextas-feiras, das 9h às 18h

Onde:

no Museu da Ufrgs (Av. Osvaldo Aranha, 277, Campus Centro)

Entrada franca

+1 Livro

Joel é o protagonista de *A Guerra no Bom Fim*, de Moacyr Scliar, novela que mistura realismo e fantasia. Ele relembra seus tempos de menino judeu, quando vivia com a família em Porto Alegre nos anos 40, em pleno bairro Bom Fim, o coração judaico da capital gaúcha. Revivendo seus anos de aprendizado, Joel busca na memória o garoto que, em meio às notícias da guerra na Europa e uma comunidade imigrante vinda de lá, brincava com os amigos e aventurava-se pelas calçadas do bairro, conhecendo os fatos da vida. A imagem e as angústias do escritor Franz Kafka são um espectro que paira sobre o passado e o presente de Joel, que, como sua família, luta para se adaptar em uma sociedade que é e não é a sua. A obra, lançada em plena Ditadura Militar, testemunha a necessidade dos escritores brasileiros contemporâneos de lançar novas luzes sobre o passado e a identidade nacional.

+1 Museu

O Museu Judaico de Porto Alegre reúne documentários, fotografias, videoteca e biblioteca. No local, situado no bairro Bom Fim (rua João Telles, 329, 2º andar) também ocorrem exposições pontuais sobre o tema e uma mostra permanente sobre o centenário judaico no Rio Grande do Sul. O acervo está aberto ao público nas segundas-feiras, das 9h às 12h e das 13h30min às 17h30min; terças, quartas e quintas, das 9h às 12h; e sextas-feiras das 9h às 12h e das 13h30min às 16h.

INSTITUTO DE LETRAS E IDEOGRAMAS DA UFRJ

HI, HI, HI !!!

INSTITUTO
CONFÚCIO



